



ANAIS DA SEGUNDA JORNADA DE PESQUISA EM PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA

**Pesquisa Qualitativa na Saúde Mental:
perspectivas psicanalíticas e fenomenológicas**

ISSN 2175-0696

ORGANIZAÇÃO

**Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg
Profa. Dra.Vera Engler Cury**

**Evento financiado pela CAPES
(Auxílio PAEP N° 0509/08-6)
e pela FAPESP (Processo N°08-56197-9)**



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

2008



**SEGUNDA JORNADA DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA
Pesquisa Qualitativa na Saúde Mental:
perspectivas psicanalíticas e fenomenológicas**

ORGANIZAÇÃO

Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg
Profa. Dra. Vera Engler Cury

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ms Cristiane Helena Dias Simões
Ms Fabiana Follador e Ambrosio
Ms Kátia Panfiete Zia
Ms Miriam Tachibana

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Livre Docente Tania Maria José Aiello Vaisberg
Profa. Pós-Doutora Maria Alves de Toledo Bruns
Profa. Dra. Maria Christina Lousada Machado
Profa. Dra. Tania Mara Marques Granato
Profa. Dra. Vera Engler Cury

2008

“Será que ele é?” O imaginário sobre a homossexualidade

Paulo César Ribeiro Martins
Tânia Maria José Aiello Vaisberg
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa realizada com objetivo de investigar psicanaliticamente as produções imaginárias de universitários sobre dificuldades sexuais masculinas, por meio do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em aplicação coletiva em uma classe de estudantes de Direito. A análise do material se fez mediante o uso do método psicanalítico, que foi operado com o auxílio da Teoria dos Campos e do conceito de conduta de José Bleger. Foram encontrados três campos psicológicos-vivenciais, que gravitavam ao redor da supervalorização da performance sexual masculina, das dificuldades nos relacionamentos estáveis, e, finalmente, da orientação sexual. Este texto focaliza, especificamente, o campo denominado “Será que ele é”, que diz respeito a produções que inserem as dificuldades sexuais masculinas no contexto da orientação sexual.

Palavras-chave: Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, dificuldade sexual masculina, imaginário coletivo, psicanálise, homossexualidade.

Will it be that he is? The imaginary of students about homosexuality

Abstract: This article presents partial results of a research accomplished with objective is to investigate the collective imaginary of students about male sex problems. Therefore, the psychoanalytic method was operated through the FieldsTheory, having as groundwork the psychoanalytic theory of José Bleger. The Procedure of Thematic Drawing-and-Telling Stories was used in a collective approach in a classroom of Law students. The psychoanalytic analysis indicated that the imaginary figure is organized starting from fields linked to the need of reaching a certain pattern of competent behavior, to the difficulties to get a stable relationship and sexual orientation. This text focuses, specifically, the denominated field “will it be that he is?”, which refers the male sex problems in the context of the sexual orientation.

Keyword: procedure of drawing-stories with a theme, male sex problems, collective imaginary of students, psychoanalysis, homosexuality.

A condição masculina, a partir do paradigma vigente na cultura ocidental, segue o modelo da família patriarcal que é permeado por expectativas sobre quais são os comportamentos próprios do homem e da mulher. Neste sentido, podemos dizer que os papéis sociais feminino e masculino são histórica e socialmente produzidos.

Como indica Bleger (1963), todo conhecimento é socialmente condicionado. Deste modo, não nos surpreende constatar que a teorização dos grandes psicanalistas, de Freud a Winnicott, exibe marcas de influências sócio-históricas. Entretanto, podemos perceber que, ao longo do século XX, período durante o qual a posição da mulher mudou muito, pelo menos na sociedade ocidental, muitas mudanças ocorreram no âmbito da teorização psicanalítica, com crescente reconhecimento acerca do valor da mulher, que deixa de ser vista, a partir das contribuições da escola inglesa, tão-somente como um ser castrado.

Entretanto, temos dúvidas acerca do quanto uma melhor visão da mulher chegou realmente a afetar o modo como é visto o homem, pois a impressão que temos, tanto a partir da clínica como da presente pesquisa, é que as exigências relativas à masculinidade não se modificaram substancialmente em termos do imaginário coletivo. Parece que à antiga lista de requisitos somam-se, atualmente, novas exigências, que incluem participação em mundos que anteriormente ficavam a cargo das mulheres, maior sensibilidade afetiva e dedicação sexual à parceira, como temos visto neste início do século XXI. No entanto, parece ainda estar fortemente presente a idéia de que quem não se enquadra nos padrões de condutas masculinos socialmente estabelecidos tem sua orientação sexual posta em dúvida.

Dessa forma, cabe introduzir a contribuição do estudo do imaginário coletivo sobre as questões da orientação sexual, para que possamos ter uma compreensão mais completa do que envolve esta realidade. A consideração do fenômeno da orientação sexual a partir do estudo do imaginário coletivo faz sentido pleno quando defendemos uma concepção de homem como ser socialmente determinado, emergente de uma complexa rede de vínculos e relações sociais (Aiello-Vaisberg, 1999).

Método

De acordo com Bleger (1963), trabalho investigativo, no campo da psicologia, deve partir sempre da dramática da vida para seguir caminhos de teorização que se mantenham maximamente próximos ao plano concreto das vivências emocionais. Assim, tanto nos preocupamos com o estabelecimento de uma estratégia de pesquisa que possibilitasse o surgimento de manifestações simbólicas de subjetividades grupais, como buscamos refletir sobre o material emergente de modo a evitar explicações abstratas e distanciadas do viver. O uso psicanaliticamente orientado do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), considerado como mediação, permitiu que entrássemos em contato com o imaginário de adultos sobre as questões sexuais masculinas.

Esta concepção coincide com o enquadramento dramático, que propõe estudar a conduta em termos de experiência subjetiva enquanto acontecimento dotado de sentido humano, numa perspectiva psicológica. Nessa linha, o método psicanalítico foi operado através da Teoria dos Campos, que busca o inconsciente relativo, a partir do qual está lógico-emocionalmente estruturada a conduta emergente (Herrmann, 1979; 1984).

Para tanto, realizamos uma entrevista coletiva com cinquenta e cinco estudantes de uma classe da faculdade de Direito. Durante a entrevista, o Procedimento Desenhos-Estórias com Tema foi utilizado como recurso mediador visando facilitar o estabelecimento de uma comunicação significativa, focalizada sobre as questões sexuais masculinas.

O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema foi desenvolvido por Aiello- Vaisberg a partir de procedimento diagnóstico criado, na Universidade de São Paulo, por Walter Trinca (1976). Consiste na solicitação de um desenho especificado em termos temáticos, bem como de uma história sobre a figura produzida (Aiello-Vaisberg, 1999). No presente caso, solicitamos o desenho, na presença do pesquisador, de um homem com dificuldades na vida sexual. Em seguida, pedimos aos alunos que virassem a página e, no verso, usando a imaginação e criatividade, inventassem uma história sobre o desenho.

Finalizada a entrevista coletiva, realizamos a análise de todos os desenhos- histórias em dois momentos. No primeiro fizemos uma análise do conteúdo manifesto nos desenhos- histórias buscando identificar as produções imaginárias. Num segundo momento buscamos a elucidação de seu substrato lógico- emocional não consciente de acordo com o método interpretativo psicanalítico. Os pesquisadores não buscaram o *significado verdadeiro* (até porque não existe o tal significado verdadeiro) de cada comunicação, mas se deixaram impressionar pelas associações que lhes vieram espontaneamente diante das produções dos sujeitos. Ou seja, todo o processo foi presidido pela associação livre e pela atenção equiflutuante que, segundo Aiello-Vaisberg e Machado (2007), são práticas que têm caráter fenomenológico, correspondendo à suspensão de juízos e conhecimentos prévios, bem como à abertura e acolhimento à expressão. A partir das associações, chegamos a configuração de sentidos que se realizam como criação/encontro dos campos psicológico-vivenciais.

É importante frisar que adotamos esta estratégia psicanalítica de pesquisa num movimento de afastamento epistemológico do positivismo empírico, e nos aproximamos da fenomenologia, numa decidida valorização do mundo vivido, da experiência dramática, sempre dotada de múltiplos sentidos, muitos deles desconhecidos, inconscientes (Bleger, 1963; Aiello-Vaisberg, Machado, 2007).

Nossa formulação teórica é dinâmica e relacional, visando uma elaboração compreensiva e abrangente sobre os motivos humanos que presidem as condutas. Lidamos com fatos psicológicos que emergem da relação do pesquisador com o pesquisado, sendo os desenhos-estórias concebidos como apresentações de um acontecer clínico (Aiello-Vaisberg; Machado, 2007). Todo o processo investigativo partiu da idéia de que a personalidade dos pesquisadores

são parte constitutiva do acontecer clínico. Analogamente, a elaboração compreensiva que nos permitiu acessar campos psicológicos subjacentes às produções imaginativas, buscando sermos rigorosos e fieis, não deixou de ser autoral, correspondendo àquilo que estes pesquisadores-clínicos – como pessoas concretas e não como puros sujeitos cognoscentes – puderam captar.

Será que ele é?

O campo psicológico-vivencial denominado “será que ele é?” abrange manifestações imaginárias encontradas nos desenhos-estórias de homens e mulheres, que se referem à dificuldade de o homem comportar-se segundo padrões especificamente masculinos, em virtude da presença de desejos homossexuais que gerariam impotência. Neste campo são freqüentes associações relativas ao despertar da sexualidade, momento durante o qual se definiria, segundo o imaginário coletivo, a capacidade de desejar sexualmente pessoas do mesmo ou do sexo oposto.

O campo “será que ele é?”, de acordo com o imaginário dos estudantes de Direito, relaciona-se a um ambiente cultural nitidamente machista e homofóbico, que abre caminho para a discriminação e o preconceito. É interessante notar, então, que a atração por outros homens é considerada perda de potência masculina, concepção que não deve se modificar diante da lembrança de que os homossexuais têm ereções e ejaculações. Então, esta estranha perda de potência sexual tem o efeito de diminuir o valor pessoal do indivíduo, que perde o respeito dos demais e vê sua dignidade afetada na medida em que “não dá conta do recado” em relação à mulher.

Se, inicialmente, o “não dar conta do recado” alude à incompetência sexual, não é descabido repensar este fenômeno como evidência de dificuldades mais amplas de vinculação. Como sexo é vínculo, as dificuldades sexuais masculinas podem ser pensadas em termos de retração do vínculo, o que parece ter muito a ver com a estrutura de conduta esquizóide (Bleger, 1963), que inclui condutas de introversão. Essas condutas, de acordo com as produções imaginativas, podem começar a se manifestar ainda na infância, antes da puberdade, quando o menino pode apresentar vergonha de cenas de sexo que aparecem, por exemplo, na televisão. A dificuldade de lidar com os desejos sexuais, como referem os estudantes em suas produções imaginativas, pode iniciar na infância e seguir pela adolescência e vida adulta resultando, entre outras coisas, em uma dificuldade de se relacionar com mulheres.

A situação de frieza afetiva e incômodo lembra o breve relato de um aluno, participante desta pesquisa, que trocou algumas poucas e rápidas palavras com o pesquisador, exatamente no momento em que entregava seu desenho-estória. Contou então que, quando tinha menos idade, muitos dos seus amigos tinham namoradas e ele dava graças a Deus por não ter este “tipo de incômodo”. Mais tarde começou a namorar e quando beijava sua namorada não sentia nenhuma excitação, o que só veio a ocorrer com o passar do tempo. Esse relato nos lembra Winnicott (1965a), quando refere que com as mudanças da puberdade

despertam as defesas organizadas nos primeiros anos de vida contra as ansiedades produzidas nesta fase.

Ao mesmo tempo em que levanta a questão de que o amadurecer é um processo e não acontece na mesma idade nem da mesma forma para todas as pessoas, sendo que umas amadurecem antes para determinados aspectos da vida do que outras. Esta situação é bem clara no campo “será que ele é?”, no contexto do qual as produções imaginárias levantam a questão de que algumas pessoas despertam mais tardiamente para o sexo, referindo que alguns personagens desenhados entram na adolescência e demoram a vivenciar práticas auto-eróticas, comuns nessa fase, e só bem mais tarde começam a estabelecer vínculos amorosos estáveis, diminuindo as condutas defensivas esquizóides na medida em que vão reconhecendo seu modo de ser no que se refere a sua orientação sexual.

O relacionamento com o sexo oposto aparece, nas produções imaginativas relativas ao campo “será que ele é?”, como uma obrigatoriedade por meio da qual se pode confirmar, numa demonstração para os demais, a condição de masculinidade, mesmo que o relacionamento seja marcado pela falta de interesse e pela dificuldade de se vincular com a mulher. Essa obrigatoriedade expressada pelas figuras desenhadas pelos estudantes é decorrente, a nosso ver, do temor de exclusão social em função do preconceito. Por este motivo, relatam que os personagens desenhados se sentem cada vez menos encorajados a participar da vida social, uma vez que compete ao rapaz assumir condutas ativas não apenas em relação às meninas, mas também em outras esferas do viver. O rapaz menos “atirado” será comumente discriminado pelo grupo social.

Segundo as produções imaginativas, a dificuldade de se vincular afetivamente pode ocorrer com as figuras desenhadas que possuem um excelente nível cognitivo, em função de estarem passando por um processo pelo qual estão se descobrindo como pessoas, podendo vir a manifestar a vida sexual ativa tardiamente, até mesmo após o ensino superior. Segundo Winnicott (1965b, p. 118), “para muitos, há um longo período de incerteza quanto à própria existência de um impulso sexual de fato”, sendo que adolescentes mais jovens podem não saber realmente se são hetero ou homossexuais.

No caminho desta descoberta, as produções imaginárias demonstram, através das figuras desenhadas, a existência de crenças segundo as quais podem ocorrer experiências de relações heterossexuais para depois descobrirem a homossexualidade ou assumi-la de vez. O período de descoberta pode ser bastante penoso, de modo que os personagens desenhados só conseguiriam viver plenamente sua orientação sexual com ajuda psicológica. De outro modo, correriam o risco de manter a estrutura de conduta defensiva esquizóide, não conseguindo se vincular, distanciando o afeto das relações, ficando impedidos de relacionarem-se como pessoas inteiras e construírem relações estáveis.

Considerações finais

Finalizando, este panorama relativo a condutas não conscientes do campo “será que ele é?” demonstra claramente que a construção da identidade masculina, ou seja, o que é ser homem, segundo o imaginário coletivo dos estudantes de Direito, está intimamente relacionado com o contexto social em que o indivíduo se insere, sendo que esta descoberta se estende pela vida afora, ultrapassando o período da adolescência e início da vida adulta, sempre acompanhada pelo fantasma do preconceito.

“Será que ele é?” envolve manifestações sobre as dificuldades dos homens em se comportarem como tal – o que implicaria em envolver-se sexualmente com pessoas do sexo oposto –, em função de desejos homossexuais, de acordo com o imaginário dos estudantes pesquisados. As produções deste campo envolvem o período em que começa a surgir o despertar da sexualidade no sentido da pessoa começar a ter consciência dos seus desejos por outros do mesmo sexo ou do oposto. De acordo com o imaginário dos estudantes este campo relaciona-se com um ambiente cultural machista, que impõe um modelo do que é ser homem abrindo as portas para a rejeição das pessoas que não se enquadram nos moldes socialmente pré-estabelecido.

Inspirados num pensamento psicanalítico inovador, que se apóia nas contribuições de D.W. Winnicott e José Bleger, defendemos a idéia de que uma preocupação psicoprofilática em relação à vida sexual pode se realizar como prática psicológica em enquadres diferenciados junto a diferentes grupos sociais, seja em escolas, serviços de saúde e outras instituições, tendo em vista promover experiências emocionais enriquecedoras mediante o favorecimento da expressão de potencialidades para a criação/transformação da realidade. O objetivo fundamental será o de contribuir para o alcance de uma vida sexual saudável, criativa e o mais afastada possível da discriminação e do preconceito.

Referências bibliográficas

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. 1999. 197f. Tese (Livre-Docência em Psicopatologia Geral I e II) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Narrativas: o gesto do sonhador brincante. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Tania_Maria_Jose_Aielo_Vaisberg_e_Maria_Christina_Lousada_Machado.php>. Acesso em: 27 fev. 2007.

BLEGER, J. (1963). *Psicologia da conduta*. 2. ed. Tradução Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 244p.

HERRMANN, F. A. *O que é psicanálise*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 118p.

HERRMANN, F. A. (1979). *Andaimes do real: o método da psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 332p.

TRINCA, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. São Paulo: EPU, 2006. 154p.



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WINNICOTT, D. W. (1965a). A criança e o sexo. In: WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo*. 6. ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: 1985. p.166-182.

WINNICOTT, D. W. (1965b). Adolescência. In: WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes 1993. p.115-127.